

Conversar é um jeito de se cuidar

[...] porque, no meio do desespero, compreender pode confortar e pode, se possível, permitir um pouco de paz. (Pina, 2003, p. 66)

Meses depois do nosso último encontro, você me mandou uma mensagem. Era meia-noite e pedia pra conversar; não andava bem, vinha fazendo coisas que não te pareciam muito legais. Sugeri um café no sábado, dali a dois dias. A vida não caminhava bem pra você, que havia tentado se matar naquela semana. A distância, antes do nosso encontro, foi possível escrever algumas coisas que você tinha me contado sobre o que a sua caminhada tinha te ensinado, como se eu te recontasse coisas suas: que mesmo as coisas muito ruins uma hora passam, que pra seguir em frente você precisa da companhia de quem gosta de você e que conversar é um jeito de se cuidar. Te deixei um poema feito por um jovem que também morava no seu bairro e que dizia que todos os dias decidia não morrer. Parte dele tá aqui:

Aprendi a renascer depois de cada queda. Mas o foda foi que viciiei em morrer / Virei planta que se assusta no sol / Passarinho que não confia no céu / Boêmio com medo da ressaca / É uma cura profunda e ancestral. Água que sai. Tristeza que escorre / Deixo ela ir / Já sei viver de outra forma [...] / É que sou mais um dessa legião de menino com o coração triste. Que ninguém sabe por que nós

não desiste. [...] / Mas é que também sou dessa legião que tá aprendendo a sonhar. Já realizei tantos. Como vou falar que é impossível? / Ainda é cedo. Mata a sede. Não cede / Tá tudo no samba que é pra eu não esquecer: “Podemos sorrir, nada mais nos impede”. (Chico, 2019, s/n)

Depois de várias tentativas de marcar uma data, nos encontramos na praça. Em meio a um cigarro, você disse que andava triste e sem vontade de viver; queria desistir de tudo, mas ficava vivo pela sua filha porque você foi um filho sem pai e não queria que isso acontecesse com ela. Terminar o namoro estava sendo sofrido demais. Você deixou de ir pro trabalho porque foi ficando insuportável estar ali quando a vontade era não sentir. Não sabendo o que você queria me dizer quando fui pro nosso encontro, levei um livro que me fazia pensar nas coisas que você me disse quando nos conhecemos. Li em voz alta um trecho:

[...] seja lá como for, fico imaginando uma porção de garotinhos brincando de alguma coisa num baita campo de centeio e tudo. Milhares de garotinhos, e ninguém por perto – quer dizer, ninguém grande – a não ser eu. E eu fico na beirada de um precipício maluco. Sabe o quê que eu tenho que fazer? Tenho que agarrar todo mundo que vai olhar onde está indo, eu tenho que aparecer de algum canto e agarrar o garoto. Só isso que eu ia fazer o dia todo. Ia ser só o apanhador no campo de centeio e tudo. Sei que é maluquice, mas é a única coisa que eu queria fazer. Sei que é maluquice. (Sallinger, s/d, p. 168)

Escutando, você lembrou que algumas semanas antes, em uma tabacaria, já bêbados, outro menino apareceu com um revólver, te chamando pra roubar. Você tirou as balas da arma e devolveu pra ele: “não ia dar coisa boa”. Roubar já não fazia parte dos seus dias. Depois de algum tempo, nos despedimos. Atravessando a rua por entre os carros, você disse que teria uma consulta com a psicóloga do postinho. Ficamos de marcar o próximo encontro, que não aconteceu.

6.1 A MEDIDA DA REFERÊNCIA

Uma diversidade de situações acontece no serviço de medidas. O menino fala com a pessoa que é sua referência no cumprimento da sanção e ponte até a figura judiciária, vê parceiros e amigos, participa de atividades culturais e educativas. Sua sala de recepção abriga conversas em meio ao suco, às bolachas e ao wi-fi compartilhado. Nos

corredores, fala-se bastante. Fora do espaço naturalizado como de atendimento (uma sala onde um adulto e um adolescente, supostamente, dialogam), meninos e meninas conversam sobre algum passeio, a pessoa que beijaram no fim de semana, o bairro e outras ocorrências recentes. Um tema emenda no outro e, por exemplo, falar em beijar faz pensar sobre traição ou a notícia de uma abordagem policial faz lembrar do racismo que, em certa liberdade do dizer, convida a outros temas. Na conversa, há uma dose de espontaneidade que mostra que as histórias escapam ao previsível, que há riqueza escondida onde menos se espera. Cabe à medida aproveitar esses momentos se quiser arranjar alguma proximidade com os meninos, se deseja ajudá-los a viver (Deligny, 2018b).

Certa vez, quando encontrei Curió para uma conversa, me dei conta de que ela já acontecia ali, na recepção do serviço de medidas. Enquanto ele falava com outras pessoas, eu, escutando, passava a saber coisas dele que talvez não soubesse em outras circunstâncias sobre as quais, talvez, pudéssemos falar mais em outros momentos. Naquele dia, ele e alguns meninos debatiam sobre os meninos poderem ficar com outras meninas, mesmo namorando: o trato era que as namoradas não poderiam beijar outras pessoas e que, se o fizessem, teriam o cabelo raspado como punição. Mais tarde, quando Curió e eu estávamos na praça, ele disse que, com o tempo, percebia uma mudança em si, passando a se questionar se era possível exigir da menina uma ética que não praticava. De toda forma, era difícil divergir, sozinho, dos demais meninos. Aquela cena e essa frase possibilitavam uma diversidade de novas conversas.

A conversa é uma máquina de guerra, pois, é “certa maneira de ocupar, de preencher o espaço-tempo, ou de inventar novos espaços-tempos” (Deleuze, 2013, p. 216). Entretanto, na realidade que conduz alguns à medida, e na sua espera por um certo dizer do menino (ou por um dizer certo), não há conversa, mas uma espécie de escambo em que o menino apenas responde o que lhe é perguntado em troca da sua liberdade. Se, na sala de recepção, a espontaneidade dos assuntos que engatam conversas não pode ser aproveitada, ela é só um cômodo de passagem que não escapa um milímetro sequer da circunstância que levou o menino até ali, não permitindo que seja experimentado nada no interior de uma conjuntura endurecida de cujas condições a medida deve se desviar para poder inventar novos espaços-tempos (Deleuze, 2013, p. 216).

Os meninos ensinam que é preciso suportar o imprevisto. Marca-se um atendimento e ele não vai ou chega mais tarde ou muito mais cedo e não quer esperar. Alguma coisa aconteceu à noite e ele não foi para casa ou não acordou a tempo. Alguns não querem ou não gostam de falar e deixam o representante da medida angustiado, sem saber o que fazer diante do silêncio. Outros, falam demais e se denunciam, relegando a sua referência técnica a decisão sobre o que informar nos relatórios. Essa condição do incontrolável, que é também da vida, muitas vezes aparece como o que atrapalha a

medida que lida com isso como se fosse algo que não poderia acontecer dentro do cumprimento de uma sanção, em uma ideia de que os meninos deveriam se comportar porque já não o fizeram antes. Esse desencontro, correntemente tomado como desimportante no que diz respeito ao outro ou como desleixo de um menino que não se compromete, potencialmente carrega algo por conhecer, permitindo aparecer como tema de conversa, por exemplo, experiências passadas no encontro com a medida que se reatualizavam no presente, como a internação de Curió:

A internação não melhora a vida e nem faz repensar o crime. Lá dentro, é só violência. Parece até que apanhar não tem nada a ver com fazer coisa errada: a gente leva tapa e soco mesmo quando não tem nenhum tumulto. Quando tem, mesmo quem não tá envolvido apanha. Ninguém fica de fora. Um dia, os funcionários mandaram todo mundo ficar só de coruja [cueca], sentados no pátio, um no meio da perna do outro, encaixado. Fazia muito frio. Outra vez, um funcionário andou em cima das costas dos moleques que tavam no chão. Eles ficaram marcados.

O incontrolável e o imprevisível dão pavimento para o pensamento, sempre circunstancial (Zourabichvili, 2016). A ausência ou o atraso valem como temas de conversa, pois mostram não o que falta ao menino, mas a sua vida e o que também é parte dele: alguém que, às vezes ou em algumas circunstâncias, não está lá e tem suas razões para isso.

Os meninos ensinam sobre o imprevisto porque também o vivem quando, dentro da medida, a figura de referência no atendimento é um elo passageiro em uma estrutura que muda sem aviso prévio. Certa vez, presenciei quando um dos técnicos contou para Curió que ele passaria a ter uma nova referência na medida, já que seu técnico havia sido transferido para outro serviço, em um bairro distante dali. O menino recebia aquela notícia ali, na recepção, como um informe qualquer; Curió disse, sorrindo, que faria um abaixo-assinado para pedir a volta do técnico e escutou que não adiantaria. Houve um silêncio. Cinco minutos depois, o mesmo técnico, que era sua nova referência, disse que a conversa comigo contaria como o seu atendimento daquela semana. Apesar de conhecer ambos os profissionais, eu nada sabia sobre o que se passara.

Por que parecia ser um detalhe tão banal o fato de que aquele que se encontrava frequentemente com Curió, produzia seus relatórios, participava dos encaminhamentos que lhe eram feitos e, supostamente, conversava com ele e sabia de coisas suas havia saído sem se despedir e sem explicar o que aconteceria? Essa forma de se relacionar com o menino informa que ele não precisa saber, produzindo uma incoerência, pois, enquanto a medida se furta em falar do que acontece nela e das consequências que certo modo de operar produzem para a vida do menino, espera que ele queira falar de si e de seu pensamento.

A inconstância do menino tende a ganhar uma gravidade muito maior que a instabilidade da própria medida e nenhuma das duas é estranhada em uma compreensão de que o menino falta porque “ele é difícil” e de que as equipes fracassam porque não há organização, à espera de um arranjo ideal que faria com que o imprevisível não ocorresse. Compreendendo o desencontro de expectativas como uma impossibilidade de criação de ocasiões, a medida faz desvios para proteger seu modo de operar; como efeito, afasta-se do menino no mesmo instante em que diz querer saber mais sobre ele. Quando o técnico disse para Curió que minha conversa com ele valeria pelo seu atendimento naquela semana, parecia abdicar de estar junto e de poder, entre outras coisas, perguntar o que significava para aquele menino a troca da sua referência, além de explicar as implicações que isso lhe traria. Sem indagar nem explanar o que se passava, a palavra entre eles ficava ausente ou sem alcance.

O tema da conversa com Curió fez eu me lembrar de *Correria*,¹³ menino que conheci trabalhando com as medidas. Em 2010, ele era um menino de 15 anos que não parava de escapar. Na época em que estava com cerca de 13 anos, quando a medida tentava alcançá-lo em seu lar, pois nunca comparecia aos atendimentos, ele saía pulando pelas lajes das casas vizinhas e ia embora. Tempos depois, quando fui contratada, eu o acompanhei por um ano na unidade de internação, fazendo visitas mensais que ambicionavam prepará-lo para sua saída. Quando recebeu a liberdade assistida, era eu quem, às vezes, ia até sua casa quando ele deixava de aparecer no serviço de medidas. A pedido dele, eu o esperava tomar banho para que caminhássemos pelo bairro, aproveitando aquelas ocasiões, que eu previa que seriam raras. Quando quis me despedir, pois seguiria para outro emprego, tive dificuldade para me encontrar com ele. Certo dia, talvez percebendo minha aflição por não entender por que, apesar de nossas conversas, ele se ausentava, explicou do outro lado do telefone que temia que chamássemos a polícia para prendê-lo. Isso, que não se apresentava para a equipe como uma possibilidade, era sua expectativa e seu receio. Conteí, então, que estava indo para outro emprego e que gostaria de me despedir dele. Marcamos, ele foi. Fizemos a leitura do relatório, conversamos sobre o que estava escrito, imaginamos o que estaria por vir e demos tchau. Eu o encontrei alguns anos depois em outra unidade de internação, onde voltamos a ter algumas conversas; foi ele quem me viu primeiro e me chamou, por intermediação de outro menino.

Não há o que garanta a presença ou a conversa que produza algo que interesse – a aposta pode ser somente em alguma coisa incerta, em uma direção imaginativa e aberta a desvios. Havia com *Correria* uma ética relacional construída em um campo improvável, a sanção, em que ele também se implicou quando foi ao serviço de me-

13 *Correria* é o vulgo que escolhi para um menino que estava sempre dando um jeito de se afastar.

didadas apesar do receio de ser pego em uma armadilha. A intenção de nosso contato, que tinha algo de um contrato entre dois, tão sutil, não passava despercebida para nenhum de nós.

6.2 VOCÊ ANDAVA FALTANDO NA ESCOLA

Persegue o menino da medida a declaração de que, se ele não estuda, volta para a internação (Galdeano; Almeida, 2018). Isso que o rodeia se relaciona com repetidas exigências judiciais que, se realizadas, indicariam que cumpriu a sanção. Como suas necessidades são universalizadas e a pobreza tem sido considerada a razão fundamental da ilegalidade, dentro dessa medida o menino precisa trabalhar, obter matrícula escolar e participar de curso profissionalizante, e as equipes que o acompanham devem garantir que isso aconteça. Quando não consegue matrícula, os adultos insistem e, depois de algumas investidas, recorrem à caneta do juiz, quase sempre eficiente. Com essa sombra às suas costas, o menino volta para a escola; nem sempre volta a estudar, no entanto.

Estar na escola significa, para muitos, retornar para o lugar de onde se quis ir embora tempos atrás, escutar que não há vaga, desconfiando que há, e ser fixado no lugar daquele que cumpre ou cumpriu qualquer medida socioeducativa – o que não o deixa ser mais nada ali. Ainda que na trajetória escolar esteja contida uma vastidão de experiências, a arbitrariedade na atribuição e no acompanhamento dessa questão faz com que um estudante atravessado pela medida seja visto sempre da mesma forma: a quem não se pode dar o direito de não saber previamente o que quer (Pelbart, 2019).

A participação da medida na reprodução da escolarização que não se realiza permanece camuflada quando colocar o menino na escola fica sendo o princípio e o fim, e é um falso problema tomar essa instituição como solitária realizadora da segregação. Certa vez, quando esperava Curió para uma conversa, assisti seu técnico lhe dizer o que parecia ser um alerta; escrevi:

[...] ele sabia que você andava faltando na escola e avisou que, enquanto não fosse, não teria a extinção da sua medida. Entretanto, se a frequentasse por dois meses seguidos, você ficaria livre. Você balançou a cabeça sem dizer uma palavra [me pareceu que queria dizer que não tinha jeito, que pra você a escola não era uma possibilidade. Que dois meses te pareciam uma eternidade].

O tempo de estudante o fazia lembrar o passado. Quando, aos 12 anos, foi morar na rua porque a casa da família ficara pequena e ele não tinha dinheiro para se mudar, a escola ficou para trás. Além disso, em um paradoxo de quem abandona insistindo, na história de Curió, estudar também tinha a ver com ter de fazer muitas renúncias que, de tão cotidianas, pareciam não existir. Abdicou, por algum tempo, de compreen-

der os conteúdos dados em sala de aula, de ser chamado pelo próprio nome e de ser acompanhado pela mãe. Desejava viver coisas que a falta de dinheiro não permitia, e estudar não era sua maior preocupação; era mesmo como se não fizesse sentido diante das coisas que conseguia alcançar ou daquelas que desejava realizar. Mais tarde, retornou para fazer o nono ano do Ensino Fundamental, aos 17 anos de idade, na Educação de Jovens e Adultos. Como só havia vaga disponível em seu bairro em um único turno, estudar competia com um trabalho desejado que teve de ficar para depois. Sentia raiva por não poder fazer as duas coisas ao mesmo tempo numa vida que lhe deixava sempre poucas alternativas dentre as quais escolher.

Curió mostrava que há inúmeras dimensões para o que é uma escola, e quando ser estudante implica ter de lidar com o mesmo organismo institucional que o excluiu (Hahne, 2017; Galdeano; Almeida, 2018), para ser possível estudar, um menino precisa também experimentar outras situações. Para muitos, a obrigação de ir à escola é ter de se haver cotidianamente com não possuir um par de tênis para calçar, ônibus perto de casa para chegar, vaga no melhor horário, estereótipos que limitam suas experiências e regras das quais, sem lhes explicarem como foram criadas, discordam. Divergindo, viram párias. Estando em um ambiente sentido como tão alheio, tão não feito para si, e se vendo com pouco ou nada para trocar, não sustentam permanecer. A trajetória de Curió tensionava a afirmação da escola como uma possibilidade indiferenciada e expunha que estar nela deveria constituir uma arma de guerra para a medida, não uma demanda genericamente atribuída aos meninos.

Por vezes, na escola se fazem diferenças que escancaram o que os meninos da medida não possuíam, deixando-os sozinhos diante do que lhes parece faltar, sentindo-se menos com o que conhecem enquanto outras pessoas parecem saber mais e melhor. Multiplicadora social que é a escola, transforma “cada indivíduo, cada possibilidade de uma subjetividade singular, numa célula reprodutora da ideologia da máquina de produção” (Gallo, 2009 p. 126); por isso, muitos desses meninos não experimentam o processo de escolarização sem ver neles refletida a imagem da violência como seu único modo de vida possível. Quando chegam à instituição escolar, são notados por meio de uma identidade que lhes foi dada tempos atrás, e sentar no banco da sala de aula não acontece fora das experiências fundadas pelos efeitos dessa imagem.

Assim, como, “muitas vezes, entramos em contato com histórias nas quais a vida escolar se tornou mais um impeditivo do viver” (Machado, 2008, p. 3), descobrir o que faz a instituição escolar ser transitável para cada um, alcançando temas que nem sempre estão à mão ou são fáceis de serem ditos, e acompanhar o calçamento desse trajeto consiste em um ofício artesanal de reflexão sobre a experiência, esse “algo que (nos) acontece e que às vezes treme, ou vibra, algo que nos faz pensar, algo que nos

faz sofrer ou gozar, algo que luta pela expressão” (Larrosa, 2017, p. 10). Sem se apropriar do fato de que uma cadeira escolar significa diferentes coisas, a medida, quando briga exclusivamente pela matrícula, nem sempre luta pelo direito de o menino estudar (Hahne, 2017; Munhoz, 2017).

Quando pedia para Curió ir à escola por dois meses, solicitava muito dele e, ao mesmo tempo, quase nada, pois requeria apenas seu corpo presente naquele lugar. Ao presenciar o alerta que o técnico lhe deu, aproveitei o fato de ter sido testemunha para perguntar para Curió, quando estávamos a sós, como andavam as coisas na escola. Foi assim mesmo que perguntei: “e a escola?”. Sua resposta levou à escrita do seguinte trecho:

Nono ano em uma turma com a qual não se identifica – todos muito mais velhos que você. Nenhuma vontade de estar ali, mas, um dia, o professor passou uma atividade que valia nota. Estava sem vontade de fazer nada e, ainda assim, fez o exercício pra passar o tempo. Ao invés de sair da sala pra fumar, resolveu arriscar e decidiu ficar. Tirou nota dez.

Naquele dia, Curió estava, como em tantos outros dias, sem vontade de estar ali, mas, percebendo um olhar diferente do professor, que parecia incentivá-lo, escolheu não matar o tempo fora da sala. Não saiu para fumar e ousou participar da atividade proposta, arriscar uma nota. O olhar do professor era, para ele, uma validação de sua presença, e a nota foi recebida pelo menino no desejo de ser reconhecido – um desejo pelo qual se constitui em um humano (Agamben, 2015).

Receber nota em uma atividade representa um evento importante em uma trajetória em que fazer esse tipo de intento se tornou ação distante. Para esse menino, que se afastou da escola e retornou porque era o devido, aquela nota mostrava que realizara algo diferente das ações em que se embrenhara anteriormente. No entanto, a nota também significava fazer parte pela via esperada, num modo de inserção que permanecia desconsiderando a singularidade de Curió, já que seu desinteresse e suas dificuldades não eram pauta nem para a escola nem para a medida. Pela nota, ele, um desajustado, era visto em um suposto ajustamento, e isso era suficiente para os adultos à sua volta. A nota, mantendo um funcionamento normalizador distante de uma proposta de educação singularizante, representa o esperado no interior de um modelo de educação que “não forma um homem completo, mas um ser parcial, comprometido com princípios definidos *a priori* e exteriores a ele” (Gallo, 2015, p. 42).

Ir à escola era um direito de Curió que apenas se realizava em uma mirada rápida, já que, na ponta da vida, não alcançava ser um estudante quando a “escola colonial, tão presente, busca educar corpos para o desencanto e para os currais do mercado de trabalho, normatizados pelo medo de driblar/gingar/pecar” (Simas, 2022, p. 56). A criação de alternativas ao desencantamento em relação à escola parece fortalecida

quando diferentes elementos, internos e externos a ela, são acionados em prol do menino e de sua experiência, como outros professores e estudantes, espaços do bairro, histórias de vida e culturas, pois, para escapar da “morte em vida [...] precisamos de outras vozes, políticas porque poéticas” (Simas, 2022, p. 56).

O menino, quando deixa de estudar, o faz atravessado por uma história própria feita coletivamente. Muitas vezes, dizendo *não* à escola, fica silenciado, não podendo pensar o que produziu aquela negativa, e sem o reconhecimento de que ter dito *não* pode ser a decisão de sair de certo lugar a partir do qual é identificado. Foge-se dessa imposição produzindo linhas de fuga singularizantes, para que a escola seja algo mais que uma generalização; para que um estudante opere “nas brechas do próprio sistema instituído, constituindo-se em esforços de resistência, de teste dos limites, de afrontamento cotidiano, investindo numa singularização apesar de qualquer controle” (Gallo, 2015, p. 213). Foge-se da norma ultrapassando a falsa binariedade do *sim* ou *não* à escola.

Produzir a possibilidade de estudar no interior das experiências cotidianas de cada pessoa requer uma espécie de tranquilidade furtada daqueles para quem o tempo é sempre um breve instante. Se a medida toma a ida do menino à escola ou a nota que tira como tudo o que poderia ver, ela finda, mas nem sempre a escola se realiza como apoio para uma vida que não seja controlada em todas as suas bordas (Machado; Hahne, 2020). O menino habita as brechas pensando sua dimensão experiencial, vivida no enlace com uma história social que o precede. Não há escape ao instituído senão pelo seu questionamento, e é “apenas a visão lúcida do que não podemos ou podemos não fazer que dá consistência ao nosso agir” (Agamben, 2015, p. 73). O menino da medida precisa, primeiro, poder pensar a *sua* escola.

6.3 DINHEIRO É TUDO NA VIDA

Quando falta dinheiro sobra briga, disse Curió certa vez enquanto contava que não o ter significa dispor de menos espaço na casa pequena e ter de dividir o lugar restrito com os irmãos. Contar com menos privacidade e nunca com a tranquilidade de estar sozinho, em silêncio. Fora de casa também existia muito cerceamento, muitas consequências; ele, que havia circulado por outros bairros, percebia desigualdades que lhe despertavam ódio quando via que “uns precisam correr muito mais pra conseguir as mesmas coisas que os outros. [E que], na quebrada, o dinheiro é sempre pouco, toda casa tem ‘gato’ pra poder ter luz e água”. Dinheiro não significava apenas poder comprar um carro para se locomover. Ter dinheiro representava viver outras experiências, ir mais longe no que se faz todos os dias. Talvez por isso Curió tinha a hipótese de que “muitos entram no crime por uma emoção, por querer outras coisas”.

Entendia que outras pessoas tinham o privilégio de se iniciar nas etapas da vida social em tempos distintos. Ele, por exemplo, começou a trabalhar aos 7 anos de idade vendendo nos trens que saíam da estação da Luz as trufas que sua mãe fazia. O irmão, quatro anos mais velho e que tinha vergonha de vender as trufas, seguia para outro vagão porque, separados, vendiam mais. Trabalhar nessa idade furtava o tempo do brincar, que ficava escasso, quase raro. Também não dava para fazer qualquer coisa com a vergonha senão desviar o olhar, porque era preciso estar ali. Com o tempo, o trabalho no trem, que era muito para gerar tão pouco, fez Curió considerar outras opções. Aos 12 anos de idade deixou de vender no trem e começou a furto. Na primeira ação, tentou a companhia de um amigo, que não queria ir junto (e nunca o fez); foi sozinho e “foi tão fácil pegar aquele celular e ter dinheiro pra comprar doce que era difícil não ir de novo”. Ele podia escolher onde gastar o dinheiro que resultava do furto; podia escolher outro doce que não a trufa que a mãe o fazia vender.

Tornou-se errante. Mudou de bairro com 14 anos, cansado das broncas que levava da família por sempre chegar tarde. Morou na rua, que foi também lugar de se apaixonar por aquela que viria a ser a mãe de sua filha. Começou a traficar. Sua mãe me contou ter procurado o “pessoal do tráfico” apesar do medo; era mesmo impensável a hipótese de deixar seu filho com aquelas pessoas. Ser mãe do menino que rouba ou trafica, reparando no que acontece, significa “ter que lidar com o fato de seu filho estar sujeito a uma morte que seria merecida; a conviver com o fato de ganhar menos que um filho adolescente; a saber que é comentado quando passa na rua” (Galdeano; Almeida, 2018, p. 72). Tudo isso levava a mãe de Curió à biqueira.

Quando nos conhecemos, ele estava morando novamente com a família e andava incomodado com isso. Queria sair de casa para ter um lugar seu, bem cuidado e limpo onde a filha tivesse “liberdade pra brincar e fazer bagunça”. Saía quase todas as noites para estar com as pessoas com quem se sentia bem, tentando seguir um caminho afastado da ilegalidade enquanto os familiares continuavam desconfiados de que saía para roubar ou traficar. Às vezes, a casa da mãe o fazia sentir que vivia em uma prisão porque as perguntas que ela fazia e que mostravam a falta de confiança o sufocavam, ainda que as considerasse justas, já que fora apreendido seis vezes até àquela altura da vida.

No passado, Curió havia tido no roubo e no tráfico possibilidades que, se proviam dinheiro, também faziam dele um fugitivo. Quando queria sair disso, encontrava-se com ofertas que, pela legalidade, continuavam certa experiência de indignidade e o faziam desconfiar de que sozinho seria muito difícil. Lembrou que enquanto esteve na Fundação CASA, as técnicas que o atenderam diziam que o ajudariam a conseguir trabalho quando saísse de lá; quando foi embora, nenhum contato. O trabalho, um dos problemas que teria de enfrentar para sobreviver, aparecia naquela medida, acima

de qualquer outra coisa, como um discurso que reproduzia uma regulação moral (Paula, 2017). A urgência da geração de renda colocava para ele um dilema: se era difícil acreditar que o ajudariam dando algo além de palavras, duvidava de que conseguiria ficar longe do crime sem o auxílio de outras pessoas.

Em uma entrevista de emprego escutou que não poderia pedir dispensa por algumas horas na semana para cumprir a liberdade assistida que veio em seguida à internação, e concluiu que, se um futuro patrão soubesse de suas infrações anteriores, não lhe daria uma chance. Teria de disputar um corpo que a medida não topava defender junto; aprendeu que conquistar trabalho ficava mais fácil para quem tem amigo ou parente que ajude oferecendo uma vaga. Começou a trabalhar na gráfica da madrinha, onde recebia cerca de R\$ 500,00 por mês; sua mãe trabalhava no quiosque ao lado, onde fazia costuras e reparos de roupas. Contava orgulhoso das suas responsabilidades e das distâncias que percorria ao longo da semana para cumprir as demandas que recebia.

Alguns meses depois, sua vida foi atravessada pelo término do namoro, fato que interferiu na permanência no trabalho. Foi ficando difícil estar ali quando a vontade era não sentir a tristeza da saudade. Tudo isso enquanto estava próximo de completar 18 anos de idade, o que, sobretudo nas periferias brasileiras, vem carregado de muitas questões, como a possibilidade de vir a ser preso como adulto, se apreendido. Escutando-o, escrevi:

A chegada dos 18 anos trazia anseios: o próximo mês seria o da maioridade e a sua família dizia que te queria fora de casa. No começo do ano, quando a gente se conheceu, você andava organizado, com emprego e escola; pra sua família, depois de tantos anos desandado, não seria possível aguentar outro desliz seu. Pra eles, a saída do trabalho tinha sido a derradeira derrapada. Você contou que tinha tomado o chumbinho que achou embaixo da pia. Depois, com a barriga doendo de uma dor insuportável, pediu ajuda pra vizinha, que te levou até o postinho.

As exigências do novo emprego e as expectativas que os outros tinham em relação ao comprometimento de Curió tornavam impossível que seus pensamentos fizessem parte de uma conversa, ficando de fora a possibilidade de lhe perguntarem acerca do que se passava com ele quando faltava ao trabalho. Entendia que o viam como alguém que abandonava as coisas e, nessa impossível conversação, ficava dominando a suposição de que ele fosse apenas alguém que ia embora sem hesitar, enfraquecendo a possibilidade de fazer alianças que o ajudassem a permanecer.

Em uma disputa difícilíssima, seguia lutando, a cada dia, contra a experiência da indignidade que o atravessava em diferentes lugares. Quando a família e a medida reduziam os problemas à sua personalidade “difícil” e o tomavam como quem deveria

construir outro trajeto para si apesar dos desafios que enfrentava solitariamente, perpetuavam uma lógica em que aquele trabalho mal remunerado deveria ser mantido a qualquer custo, já que comprovaria seu desejo de ser diferente. A exigência de um trabalho fora da dignificação de sua vida retirava da questão sua singularidade, mostrando que, desconsiderando as variáveis que atravessam a vida de meninos como ele, mantém-se um vazio analítico (Kowarick, 2009) que alimenta práticas discursivas acerca deles, empurrando-os para uma forma de vida sem sujeito.

Em certo modo de operacionalizar a medida, o chamamento ao trabalho é apresentado para o menino como tática de sobrevivência no mundo periférico dos que necessitariam de quase nada para existir. Fazendo aliança com uma prática regulada pelo pensamento neoliberal, a medida não se relaciona com o menino, mas com “as imposições das potências econômicas e das pressões culturais, [...] [com o] totalitarismo dos objetivos monolíngues” (Glissant, 2021, p. 42). Ao desconsiderar que poucos topam empregar alguém que tenha cometido ilegalidades, sobretudo, por vias garantidoras de seus direitos de trabalhador, e topar que seja assim mesmo, afirmando que precisa se agarrar ao que aparece, a medida deixa o menino sem a possibilidade de se experimentar para decidir, reiterando uma generalização totalitária da qual a história singular não faz parte.

A promessa não realizada de auxílio para o menino da medida, nada infrequente, fortifica um circuito do qual ele já fazia parte antes de receber a sanção e de onde tem de sair por força própria, “celebra[ndo] a responsabilidade individual irrestrita e [tendo] como contrapartida a irresponsabilidade coletiva e, portanto, política” (Abramovay, 2010, p. 21). O compromisso descompromissado da oferta de trabalho repete a lógica da exclusão social em que nada está fora do cálculo das formas de governo da vida numa “ação [que] tende a se reduzir ao discurso que não se nutre do vivido” (Martins, 1997, p. 9). Esse cálculo em que as condições de vida desses meninos seguem inalteradas – não precisam sequer ser pensadas – mostra o desafio de associar cidadania ao rumo profissional protegido e com direitos garantidos. Ganhar dinheiro fica destituído da experiência necessária para chegar até ele, dos desafios implicados e das vantagens que viabiliza.

No mundo do trabalho neoliberal, o menino se vira, faz por contra própria, cria suas oportunidades, é o empreendedor de si. Isso que se apresenta como solução fica sendo, efetivamente, um problema privado que cai em seu colo em meio a uma discursividade moral com um fundo salvacionista que nem sequer se realiza. Se a medida descuida do fato de que esses meninos já são colocados na categoria de subcidadãos em função de suas condições de subsistência e não disputa o trabalho como lugar simbólico em que podem se ver como cidadãos, renuncia a muito mais do que a lhes assegurar alguma renda: faz parte do que produz seu desenraizamento social e eco-

nômico (Kowarick, 2009), jamais podendo experimentar alguma consequência positiva e segura decorrente do próprio trabalho. Se os temas que advêm do dia a dia não fazem parte das conversas sobre o trabalho, como se fossem universos que não se encontrassem, a medida não participa do combate em que o menino vive como alguém destinado a muitas formas de morrer, furtado em seu presente e no tempo de luta, pois a “construção da autonomia requer uma temporalidade nova, que não é a do capitalismo nem o da tradição, mas a de uma realidade outra” (Pelbart, 2021, p. 118).

Uma ideia de trabalho articulada à lógica da existência (e não da subsistência) resiste ao imperativo de um emprego que não pode estar associado ao fora do esperado para o menino pobre. Por que não poderia ele, também, pensar seu fazer? Saber do interesse e do que pode vir a interessar requer certa calma que briga contra a lógica imediatista que mantém as pessoas em um presente sem futuro, pois não há espera, tudo deve ser agora. Os agentes da medida prometiam muito, alcançando pouco. Curió desejava parar de escapar. Era complicado.

6.4 É DIFÍCIL NÃO SABER QUANDO A LIBERDADE VAI VOLTAR

A primeira filha nasceu no mesmo dia da audiência que definiu a internação do pai, atrasando em sete meses o encontro deles. Esse desencontro fazia pensar o bairro, que é grande e, ao mesmo tempo, limitado; é longe do centro da cidade e, sem dinheiro, o corpo não experimenta outras distâncias. Esse bairro, morada de situações indignas para muitos que o habitam, desperta ódio e, por vezes, como disse Curió, “a vida só se vive no ódio [...]. A criança conhece isso quando vê a malícia do mundo, e as crianças aqui sabem disso desde cedo”. Quando crescem, alguns meninos se veem diante de um universo inexplicável com o qual precisam lidar, e “muitos moleques se prejudicam quando são levados por um momento de estresse, por não terem um apoio”.

Quem pensa essas coisas é o filho de um pai que a vida na prisão tornou distante, numa distância nunca transposta em sua biografia. Ao mesmo tempo, o pai ausente o fez querer ser um pai presente que vai “dar conselho e ficar por perto, mesmo se ela escorregar, porque às vezes na vida a gente tem que fazer as coisas, mesmo que seja ruim”. Ter tido uma mãe que o procurava na rua e o aconselhava também ajudou a pensar o pai que queria ser, ainda que no passado não fosse possível escutá-la, já que, “às vezes, a pessoa precisa viver as próprias coisas, e só vai escutar os conselhos depois”.

A internação ensina alguns, dizia, porque traz muito sofrimento, e o tempo de agonia conduz cada um a tomar decisões que não tornem o cárcere próximo novamente, em uma ideia que mostrava um paradoxo jamais resolvido no interior da forma-punição como um meio de educar: pode a medida tombar quem já estava no chão? Na internação, o tempo aparece como parte daquilo que derruba uma pessoa em função do que dele não se sabe, relação construída no interior de um funcionamento no qual

“fazer esperar já é punir, [...] agravar um estado indefinido de expiação e contenção. [...] Numa palavra, o tempo morto da espera punitiva é uma questão de classe” (Aran-tes, 2020, p. 24).

De novo, e é sempre isso: quanto durará a medida? O prazo incerto (indefinido) é infinito na percepção de ser um momento parado, uma espera vivida como tortura que suspende e bloqueia a existência. O menino fica à deriva em uma história sua que não pode ser vivida como própria: é o outro quem decide seu destino e até onde pode ir naquele mar desconhecido. Não saber o tempo de internamento significa ter o próprio horizonte furtado de si e, “nesse contexto onde se mistura disciplinamento, submissão e tortura, o futuro desaparece, mas não em favor da experiência do presente, já que o presente foi justamente esvaziado de qualquer experiência” (Pelbart, 2021, p. 111).

A medida, para ser finda, depende deles e eles não sabem o que devem alcançar para findar essa temporada incerta. Curió também falava do que não sabia e da distância de uma liberdade cujo horizonte nunca se apresentava firmemente. Juntos, escrevemos:

Dentre aquilo que não se sabe, está o tempo da internação. Dela, só se sabe quando começa. É difícil não saber quando a liberdade vai voltar, principalmente, porque não dá pra saber o que vão levar em conta pra que a medida acabe. Se for o comportamento, é muito difícil, porque mesmo um menino bom, lá dentro, demora pra sair. É que a liberdade também depende da história da unidade e dos outros meninos: se eles se comportam ou não. [Na internação, a saída de um tem a ver com todos os outros.]

Saber apenas o dia de entrada na unidade, sem ter notícias da saída até que esse dia chegue, era sentido como um dos piores elementos que constituem a punição. A ausência de um limite dava para ela um não limite, muitas vezes, intolerável. A duração da medida opera como uma das formas de controle sobre a vida ao depender da adaptação daquele a quem foi atribuída ou, ainda, de seu remorso em relação ao ato infracional cometido, aproximando-se de uma das funções da prisão apontada por Foucault, que é “acompanhar todo o desenrolar da pena com uma vigilância que incidisse não só em seu cumprimento, como também nas transformações interiores do prisioneiro dentro de sua pena” (Foucault, 2015, p. 84). Tal ideia de arrependimento tem solicitado a produção de um conhecimento que ultrapassa (mas que não prescinde de saber) o ato infracional praticado, olhando para o “interior” de quem o pratica. O menino deve se arrepender – ou se mostrar arrependido –, e tal imperativo demonstra muito mais uma racionalidade punitiva que quer o ajustamento e a produção de culpa do que o exercício de confabulação de saídas não assujeitadoras de suas vidas suposta na medida socioeducativa, revelando uma lógica de observação constante da

vida que precisaria interrogar a própria medida. A questão do tempo é assunto para a medida na qual os meninos são tomados como sujeitos fora do tempo, podendo para sempre não saber o prazo em que permanecerão em um processo que tem como uma de suas dimensões punitivas o fato de que ter passado por ela não implica haver qualquer alteração na vida já vivida antes dela. Trata-se de uma forma radical de controle, pois suspende um tempo que não pode ser suspenso (a vida segue) em nome de nenhuma promessa realizável que tenha como horizonte a garantia dos direitos.

A vida fora da internação também trazia muitas privações. De volta ao bairro, Curió não podia ficar com os amigos em grupo porque a polícia desconfiava de que estavam fazendo “coisa errada”. Não podia voltar tarde para casa porque isso também atraía a polícia – “a vida fora da internação é uma internação na vida”. Se o tempo dentro é um tempo de espera, fora é correr contra o tempo em uma pressa exigente desses meninos, que logo precisam mostrar que mudaram trabalhando em algo que não desejam, estudando em escolas onde não há parceiros, caminhando por ruas que lhes são hostis. Não há tranquilidade para pensar o que desejam para suas vidas, para pensarem uma vida desejosa de experiências: são continuamente acelerados pelo fora, e essa aceleração sufoca o pensamento, que também “carece de um silêncio, [pois] é preciso poder fechar os olhos” (Han, 2021, p. 29-30).

Para Curió, três meses depois que saiu da Fundação CASA, foi preciso voltar a fumar tabaco para conseguir encontrar alguma calma, mostrando-a como um elemento furtado dele quando não há despreocupação ao caminhar na rua enquanto não há como se afastar das próprias lembranças. A internação não passa: ela fica em algum ou em vários lugares do corpo, na memória. Em uma biografia não existe apagamento, esquecimento, abandonar o vivido. Qualquer coisa que se passou constitui um período que continua.

Curió fazia pensar essa dimensão da medida: quanto tempo levará o menino para se ver livre? Remetia, ainda, a outras questões que acompanhei antes de conhecê-lo, como a necessidade de agilizar os relatórios em nome da brevidade da sanção para que, de tão breve, nenhuma marca deixasse, em certa suposição de que a celeridade a tornaria menos violenta. Paradoxalmente, o tempo, para a medida, passa sempre como se fosse coisa inexistente e, em meio a diversos imperativos que desconsideram as singularidades, não há “um entre-dois, em que se toma consciência de um intervalo. Trata-se, de fato, da eliminação de qualquer aspiração antecipante, e de um desmoroamento do futuro” (Pelbart, 2021, p. 117).

O depois é, para o outro do menino (quem o vê; quem, de certa maneira, o acompanha), um tempo insustentável. Para os meninos da medida, o depois pode ser a morte pelo envolvimento com a ilegalidade ou o assassinato cometido pela polícia.

Há certa urgência imperiosa que não os resguarda ao colocar sobre seu colo a responsabilidade de saírem sozinhos daquilo que os vitimiza.

Fica difícil ver alguma possibilidade de futuro que não seja intimidante em um mundo do qual ficaram desapaosados, pois cortaram as conexões vivas com suas forças, em que não há confiança nos elos entre as pessoas nem lugar para as diferenças. Nesse imperativo de um tempo ágil, são vistos como indivíduos sem história própria, interpelados por um discurso que recomenda urgência, ditando uma pressa para as respostas e para as mudanças comportamentais que dialoga com o tempo acelerado do capital e das novas tecnologias que adiantam tudo, inclusive os resultados das experiências humanas. Trata-se de um tempo que não fala com a vida, pois isso implicaria acolher o que não pode ser previsto ou programado, o que não pode ser antecipado.

Nesse emaranhado produtor de muitas urgências, a medida sequer se pergunta: para onde leva tanta pressa? Fazendo a crítica da relação da medida com o tempo, coloco em crise (Barthes, 1975) tal arrolamento em que o tempo passa, o menino fica mais velho e, para quem o vê, mas presta pouca ou nenhuma atenção, esse tempo sequer é um detalhe. Curió mostrava a dimensão coletiva do tempo intervindo na vida que levava. A pressa dos outros atrapalhava seu caminhar no imperativo de que o seu maturar fosse outro, um instante; que, num átimo, respondesse perguntas que sequer havia se colocado ainda. Não havia lentidão para pensar sobre os processos em que se embrenhava. Não duvidando da própria prática, a medida deixa de ver o tempo que as coisas têm e que cada pessoa necessita em sua própria precisão.

Habitando o espaço da dúvida, no entanto, passa a ser possível encontrar outras respostas. Em uma racionalidade que compreende que os objetos são multifacetados, experimenta-se certo flutuar, pois não se olha para (ou espera por) uma resposta que deveria apontar no horizonte. Dando corpo ao lugar intermediário que existe entre uma pergunta e uma resposta, o presente pode aparecer. Esse tempo incapturável da vida movente pode ser apreendido apenas no encontro que se coloca em certa direção em que a ética é a da existência. Para escutar Curió, eu precisava não presumir que a rebelião em que estivera era a mesma que MC Poeta presenciara, ou eu não entenderia que cada um deles me falava de coisas distintas. Era preciso uma escuta branda para que, estranhando modelos conhecidos da medida, eu escutasse algo novo, para que fosse possível inventar aberturas quando o tempo, tal como areia movediça, lhes escapava sob os pés. Nessa escuta, criávamos movimentos contramedida.

Quando, em nosso último encontro, Curió lembrou que algumas semanas antes, em uma tabacaria, já bêbados, outro menino aparecera com um revólver, chamara-o para roubar e ele tirou as balas da arma e a devolveu, pensando que “não ia dar coisa boa”, a resposta dele não se deu fora disso que vivera antes. Havia ali algo de um

aprendizado pela experiência que não advinha apenas da dureza da internação, mas, sobretudo, do que vivera depois, quando exercia sua paternidade apesar de sua história (ou por causa dela), existindo como filho de uma mãe cuidadosa, podendo ser acalentado por outras pessoas, sendo leitor e estudante, namorado, parceiro dos amigos e interessado no mundo que fazia de tudo para desinteressá-lo. No *não* que disse naquele dia, afirmava outro horizonte construído no interior de uma longa história de 17 anos de vida.

